



Edição nº 16

Representantes de Escola

Ano: 2016

Subsídios

Encontro dos Professores

A leitura se ensina ou se contagia?

O que escrever a respeito da leitura? O tema é polêmico e são muitos os ângulos que podem ser abordados. A amplitude do assunto levou-nos a optar por fazer alguns questionamentos e suscitar dúvidas, na esperança do assunto ser retomado e discutido pelos profissionais da educação durante o Encontro dos Professores Representantes e, também, na escola. Convidamos a analisar e discutir as necessárias condições para o desenvolvimento de uma leitura reveladora, prazerosa, crítica, capaz de proporcionar a interpretação do código linguístico e dos códigos que se encontram por trás de cada palavra, frase, parágrafo, enfim, do início do texto até o ponto final.

*José Maria Cancellero
Presidente do CPP*

O que é leitura?

Leitura é o ato de ler. Etimologicamente, ler deriva do latim, “Legere” que significa conhecer, interpretar por meio da leitura, descobrir. Ler é apreender o significado dos códigos linguísticos. Ler é imaginar sem imagens. A leitura é uma atividade que permite aos seres humanos estabelecer vínculos com as pessoas, com as palavras e com o conhecimento. Ler é se apropriar da nossa casa planetária. Ler é...

Alfabetismo, níveis de alfabetismo, como assim?

O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) foi criado pelo Instituto Paulo Montenegro*, com o intuito de medir os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira de 15 a 64 anos. O índice engloba residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do Brasil, quer estejam estudando ou não.

O INAF define quatro níveis de alfabetismo:

Alfabetismo: corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases, ainda que uma parcela destes consiga ler números, como por exemplo, de telefone, preços, etc.

Nível rudimentar: corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares, de ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias.

Nível básico: as pessoas classificadas nesse nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências. Mostram limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.

Nível pleno: pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses.

Para pensar: a Ação Educativa, INAF e Instituto Paulo Montenegro concluíram em um estudo a respeito do assunto que, durante os últimos 10 anos houve uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, a proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%.

As pessoas plenamente alfabetizadas com o ensino médio completo são apenas 35%, ou seja, 65% dos estudantes brasileiros considerados aptos a entrar na universidade são analfabetos funcionais ou alfabetizados em nível básico.

Os dados apontam ainda que no Brasil há 6% de analfabetos, 21% de alfabetizados de nível rudimentar, 47% de nível básico e 26% de nível pleno.

As conclusões preocupam se entendermos a importância da apropriação da leitura como Paulo Freire**:
“[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. [...] “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Qual é a leitura de mundo dos nossos estudantes? Qual o nível de alfabetismo predominante na escola?

Podemos falar em formação de leitores? Em leitor ideal?

Acreditamos que não é possível definir o leitor “ideal”. Para começar, diferentes leitores pedem livros, textos e abordagens diferentes, cada escola e comunidade tem identidade própria. Contudo, quando nos propomos a encantar os estudantes por meio da leitura, sempre é bom pensar ao escolhermos o “como”, se sabemos quem são os nossos estudantes, e se desejarmos contribuir para que eles pensem por si mesmo, exerçam plenamente a cidadania, assumam a leitura como um ato de reflexão e emoção, apreendam a realidade em sua complexidade, compreendam as múltiplas facetas do mundo atual.

Na leitura se encontram aquele que lê em voz alta, aquele que propõe livros, textos, etc., e o que escuta. Esse movimento não é de assimilação, de imposição, mas de possibilidade de construção do prazer de ler individualmente e pelos olhos do outro, e de possibilidade de intermináveis propostas de novas leituras.

Vamos confirmar? Rubem Alves*** escreve a respeito de aprender a ler:

[...] “Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – está possuído pelo texto que lê. Por isso eu acho que deveria ser estabelecida nas nossas escolas a prática dos “concertos de leitura”. Se há concertos de música erudita, jazz – por que não concertos de leitura? Ouvindo, os alunos experimentarão o prazer de ler”.

[...] “Antes de ler Monteiro Lobato, eu ouvi-o. E o bom era que não havia exames sobre aquelas aulas. Era prazer puro. Existe uma incompatibilidade total entre a experiência prazerosa da leitura – experiência vagabunda! – e a experiência de ler a fim de responder a questionários de interpretação e compreensão. Era sempre uma tristeza quando a professora fechava o livro...”.

Na escola onde você leciona existe um clube do livro ou algo parecido?

A leitura não é um ato solitário. Ao ler um livro, o leitor interage com o autor e com os leitores criados pelo autor. O texto faz a mediação entre leitores que são diferentes entre si e, dessa inter-relação, acontece o desvendamento de realidades.

Leitor e leitura estão em contínua interlocução. Dos inúmeros sentidos que podem ser atribuídos a um texto, certamente aparecerão as vivências do leitor, suas experiências prévias, sua visão de mundo, a história de vida de cada um. Por meio da leitura, da escolha dos livros, da reescrita, o estudante pode “contar” ao professor e à professora o que pensa da escola, quais as suas expectativas, e isso pode tornar mais fácil sua aproximação do conhecimento.

Difícil colocar a leitura na ordem do dia na escola? Como superar os poucos recursos, a quase ausência de uma cultura de exploração da biblioteca?

Não existem fórmulas prontas para trabalhar a leitura. Cada escola vive uma realidade, conta com diferentes profissionais da educação, está inserida, ou não, na vida daqueles que a frequentam, dos seus familiares e da comunidade, portanto, para usufruir de tudo o que a leitura oferece é preciso conhecer quem são as pessoas com as quais trabalhamos e nos relacionamos, é preciso muita leitura, reflexão individual e coletiva e muita vontade de fazer.

Superar as dificuldades, comprometer-se é fundamental, porque “Esperar sem esperança é a pior maldição que pode cair sobre um povo. A esperança não se inventa, constrói-se com alternativas à situação presente, a partir de diagnósticos que habilitem os agentes sociais e políticos a serem convincentes no seu inconformismo e realistas nas alternativas que propõem.” Boaventura de Sousa Santo****

Leitura: missão da escola?

Desde o nascimento, o nosso cérebro pode fazer muita coisa, mas não está completamente desenvolvido, por isso, na fase inicial da nossa vida é importante estimular os sentidos. À medida que a criança cresce, ela consegue mais, com a leitura ela dá asas à imaginação.

Para Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Para ele, a leitura da “palavramundo” começa quando entramos em contato com a realidade mais próxima de nós, quando percebemos a existência dos pássaros, árvores, captamos a linguagem dos que nos rodeiam, suas crenças, os seus gostos, os seus valores, etc.

E a escola? Saber ler é um direito do cidadão e cidadã. A escola ocupa uma condição fundamental para garantir que todos se apropriem desse direito, e, para que isso aconteça, é preciso partir da leitura da “palavramundo” que se inicia na infância e ampliá-la. A incorporação e respeito à contribuição cultural das famílias e dos diferentes grupos que compõem a comunidade não podem ser esquecidos, assim como a leitura crítica das mídias de comunicação.

O cuidado que os professores e as professoras precisam ter é não esquecer nunca que a leitura promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas e, também, possibilita o desenvolvimento das habilidades sociais, emocionais e afetivas. Ler possibilita ao leitor a compreensão do que acontece na nossa casa planetária e leva ao quero ler mais.

Como trabalhar com a leitura? Primeiro temos que ler e discutir a respeito do assunto, aí é só dar asas à nossa criatividade. Podemos, por exemplo: oferecer aos estudantes a interação com os textos de todos os gêneros, formatos, cores e sons. Garantir um espaço na aula para o simples folhear de um livro, para a leitura silenciosa ou o encantamento de uma história contada. Propor a leitura em conjunto, um estudante assume o papel de narrador, outros fazem o papel dos personagens e assim por diante.

Mas, seja lá qual for o “como” escolhido e planejado, o importante é que o professor e a professora sejam exemplos inspiradores de amor à leitura. Para cercar-se de estudantes leitores, os profissionais da educação têm que ser leitores apaixonados por suas próprias leituras, assim como pelo acompanhamento do itinerário do estudante leitor.

Citações:

*IPM (Instituto Paulo Montenegro); AE (Ação Educativa). Inaf 2011/2012 – Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década. 2012. Disponível: <http://www.ipm.org.br/pt-br/programas/inaf/relatoriosinafbrasil/Paginas/inaf2011_2012.aspx>, acesso em 13/06/2015.

**PAULO, Freire. A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 36ª Edição, São Paulo, Cortez, 1998, página 9.

***ALVES, Rubem. Gaiolas ou Asas – A arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Porto, Edições Asa, 2004.

****SANTOS, Boaventura de Souza. Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, 30-01-2013. Disponível: w1.folha.uol.com.br/fsp/.../91256-a-democracia-ante-o-abismo.shtm, acesso em 13/02/2015.

José Maria Cancellero
Presidente do CPP

Maria Cláudia de Almeida Viana Junqueira
Coordenadora do Encontro

Organização e redação: Maria Claudia de Almeida Viana Junqueira.

Revisão: Antonia Amorim Alves. **Layout:** Adriana Lúcia Rodrigues

